

**“PRÊMIO ARTE NA ESCOLA CIDADÃ”: CORPO(S) E PERFORMANCE(S)
NAS PROPOSIÇÕES DE MARÍLIA NAVEGANTE E JACSON MATOS****Jair Mario Gabardo Junior¹****APRESENTAÇÃO**

O presente texto é a transcrição de uma entrevista realizada simultaneamente com os artistas e educadores Marília Navegante² e Jacson Matos³ pelo professor Jair Mario Gabardo Junior, para a revista *O Mosaico – Revista de Pesquisa em Artes*, em julho de 2020, por meio do serviço de comunicação por vídeo, *Google Meet*. O texto da entrevista ora publicado teve a sua versão final revisada pelos entrevistados.

O interesse por esse diálogo polissêmico, interdisciplinar, se não também indisciplinado, tem o seu cerne no “Prêmio Arte na Escola Cidadã” – doravante PAEC – promovido pelo Instituto Arte na Escola (IAE). Tratam-se de 20 edições que, desde o ano 2000, têm anualmente selecionado e premiado, em todo o território nacional, professoras e professores que desempenham práticas pedagógicas em arte a partir da seleção de um(a) ganhador(a) em cada uma das cinco categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos.

O Instituto é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1989. Entre os seus objetivos está a busca por qualificar, incentivar e reconhecer o ensino e a aprendizagem artística por intermédio da formação continuada de docentes da Educação Básica.

1 Mestre e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR). Bacharel e licenciado em Dança, pela Universidade Estadual do Paraná. É professor de Arte no contexto da Educação Básica na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR). Membro pesquisador do grupo de pesquisa Laboratório de estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (ELiTe/UFPR/CNPq). E-mail: jr_gabardo2@hotmail.com

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em metodologias do Ensino Superior (PPGCIMES) na Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola e graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É professora de Arte na Educação Básica na cidade de Macapá/AP. Estuda e produz trabalhos no campo da *performance art* na educação básica visando discutir e produzir performances que reflitam sobre identidades plurais como as de gênero, sexualidade entre outras. Busca nos Estudos da Performance desenvolver metodologias em sala de aula na construção de uma aprendizagem significativa e aulas performáticas.

3 Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Bacharel e licenciado em Educação Artística pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). É professor de Arte na Educação Básica pela Secretaria do Governo do Estado de São Paulo. Suas pesquisas na arte visam temas poéticas em torno de temas como cultura popular, literatura e homoerotismo.

Os dois professores aqui entrevistados fazem parte do quadro dos projetos vencedores. Ao tocante à professora Marília Navegante, no ano de 2017, sua proposição intitulada "A Performance como meio de autoinvestigação de identidades para além do corpo"⁴ foi a vencedora da 18ª edição na categoria Ensino Médio. O professor Jacson Matos, vencedor em duas edições, teve no ano de 2018, o projeto "Conteúdos"⁵, selecionado na 19ª edição do PAEC na categoria Ensino Médio.

Suas falas são trazidas para este texto por conter sentidos relacionados à temática corporal em processos artístico-pedagógicos que se mostram interessantes aos estudos contemporâneos nos campos da performance e da Educação. São falas que, como já apontado em diversos escritos de Richard Schechner, constituem uma espécie de contribuição para a compreensão do que significa ser humano. Portanto, condição primordial para se (re)pensar o corpo no território educacional.

A fim de melhor situar leitoras e leitores, a entrevista permeia cinco pontos específicos de discussão, a saber: 1. Corpo como suporte; 2. Conteúdos da Arte como conteúdos no/do/sobre o corpo; 3. Apropriação da espacialidade da escola por meio do corpo; 4. Corpo e identidade; e 5. Direitos e resistências.

CORPO COMO SUPORTE

A *performance art* permeia o campo crítico tanto pela polissemia que lhe é intrínseca, quanto por meio da ampla esfera investigativa pela qual toma o corpo. Assim, como já apontado por Jorge Glusberg, por suas qualidades plásticas, medições, resistências, energias, pudores, potencialidades para perversidade e seus poderes gestuais. Ao tomarmos a performance no campo antropológico e educacional, ou seja, como comportamento humano e escolarizado, passamos a compreender a cultura escolar organizada tacitamente e exteriorizada por intermédio dos corpos que ocupam a escola. Ao aproximarmos tais

4 O vídeo institucional do projeto "A Performance como meio de autoinvestigação de identidades para além do corpo" está disponível na plataforma digital do *YouTube* por meio ao link: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=ol025Ryl8OM&width=640&height=480>

5 O vídeo institucional do projeto "Conteúdos" está disponível na plataforma digital do *YouTube* por meio ao link: <https://www.youtube.com/watch?v=eLInHXCyIng&feature=youtu.be>

concepções às distintas – porém não desconectadas – proposições dos seus projetos, quais novas possibilidades pedagógicas e artísticas o corpo tem conferido para as suas práticas como professores de Arte na Educação Básica?

Marília Navegante: Eu penso que as possibilidades possíveis são aquelas que já existem, mas, que não são de fato fomentadas no campo da educação. Primeiramente, as possibilidades de aproximação e estreitamento entre o professor e o aluno e a ampliação desse contato de forma mais profunda com a arte. Geralmente, vemos trabalhos com arte de forma tradicional: você escreve no quadro, apresenta slides, os alunos resolvem atividades baseadas em perguntas objetivas, poucas vezes com espaço para questões subjetivas.

Vejo que o corpo traz essa possibilidade de ampliar o contato com a história da arte, com as linguagens contemporâneas – o que eu trabalho muito em sala de aula –, o contato com os artistas contemporâneos e as discussões que eles comentam em seus trabalhos e que nos provocam como expectadores. Então, o corpo como possibilidade dentro da escola – ao menos na minha prática –, aproxima, estreita, amplia e aprofunda o contato com a aprendizagem da arte.

Jacson Matos: O ensino de arte hoje é outro, pois pensamos em habilidades e competências para além dos conteúdos. O mundo é outro em significado e linguagens. Os sentidos assimilados em forma de estética. A “leitura” de mundo é mais imediata, embora haja superficialidades. Há um questionamento sobre padrões de beleza, há pluralidade de gostos e uma espécie de prazo de validade do curtir. O gostar é mutante.

A performance tira o aluno da “zona de conforto”. Aos deslocamos o seu corpo da sala de aula, damos a ele a possibilidade de percepções fora do padrão tridimensional, ele se depara com outras dimensões do entendimento, não só largura, comprimento e altura, mas aprendizagem cinestésica. Ao aguçar a sensorialidade dos alunos, ele pode aprender com cheiros, toques, sabores, temperaturas, vibrações. Não ficamos amarrados à visão da lousa e aos livros, na audição das aulas e na escuta das explicações unilaterais de professores.

A performance foge ao habitual da aula tradicional. Por seu caráter híbrido, contempla as outras linguagens de forma mais contemporânea em termos de materialidades. Sem perder o referencial da história da arte, ela engloba o modernismo, o renascimento, o período

medieval, entre outros. A performance favorece a história da arte, pois o aluno não ouve de forma passiva, mas constrói junto com os conteúdos: mais do que contextualizar, ele os atualiza, seja na obra de Berna Reale, Adriana Varejão, ou de Francis Bacon, Velásquez e Picasso a Olivier de Sagazan. A aula performática sobre performance exige uma postura propositiva do professor, e o aluno transita pelos conteúdos de forma prazerosa, quase como que num passeio.

CONTEÚDOS DA ARTE COMO CONTEÚDOS NO/DO/SOBRE O CORPO

Nas amplas bibliografias que tomam o corpo como objeto de pesquisa, é notável o interesse investigativo não somente na busca de dar a ele significados, mas também compreendê-lo à luz dos modos pelos quais ele próprio significa as relações com o seu interior e entorno. Como fomentar práticas artísticas na escola que tenham no corpo o lugar central para o desenvolvimento dos conteúdos? Seria essa uma exclusividade da disciplina de Arte?

Marília Navegante: Eu parto do seguinte princípio: se pensarmos no significado, na definição e no conceito da palavra performance – desempenho, atuação, ação, movimento –, tudo isso resumido somente nesta palavra, performance, começo a perceber que seria complicado afirmar que a arte é exclusiva nesse assunto, que tudo isso seria uma exclusividade da arte. Creio que não. Se prestarmos atenção em outras disciplinas, ou em outras áreas de conhecimento, percebemos que existe movimento, que existe ação em outras coisas que são feitas dentro da escola, que acontecem, constroem, modificam, que transformam os ambientes, que interferem nos corpos dos alunos e os alunos, também, interferem nos corpos dos outros.

Se começarmos a entender a partir dessa perspectiva, não fica muito complicado, eu creio, provocar e fomentar no estudante algumas reflexões mais aprofundadas sobre as práticas contemporâneas como a performance, levando em consideração que cada um deles já traz uma vivência e uma experiência que se constroem no cotidiano de forma performática.

Essas ações performáticas acontecem cotidianamente. Eles lidam com pessoas diferentes, eles lidam consigo mesmos, eles interferem nas formações performáticas dos outros. E, se for dessa forma mesmo que acontece – como estamos pensando aqui, juntos – claro, que é no corpo, ou seria nele, o lugar muito mais apropriado para que a gente desenvolva, como professores na sala de aula, essas percepções, as práticas artísticas, os conhecimentos dentro da arte. Creio que o corpo seria um lugar central para tudo isso. Entendo, repito, que esse corpo já está em atividade. Porém, os estudantes não conseguem olhar a partir desta perspectiva, a não ser que a gente comece a trabalhar com eles outras formas de se pensar esse corpo fora de casa, dentro da escola, no corredor, no refeitório etc.

Jacson Matos: Não propriamente da arte como disciplina. Essas práticas estão atreladas ao repertório artístico-cultural do professor. Penso o professor como um propositor, aquele que propõe ações, como Lygia Clark. Então, nesse sentido, podemos encontrar professores das demais disciplinas com propostas inovadoras, fora da caixa e com deslocamentos interessantes. Professores de literatura ligados ao teatro, matemática espacial com arquitetura e outras vivências em história. Como temos poucos professores de arte formados na área, ainda é muito comum aulas monótonas, “desenho livre”, cópias de livros, história da arte enfadonha, professores acomodados, desatualizados. É questão de formação mesmo, novas didáticas e práticas de ensino. Isso demanda novos desafios e maior quantidade de trabalho.

APROPRIAÇÃO DA ESPACIALIDADE DA ESCOLA POR MEIO DO CORPO

A partir dos projetos é possível afirmar que a cultura escolar pode ser justamente refletida e tensionada no território dos corpos de professoras, professores e estudantes. Torna-se igualmente evidente a capacidade de ampliar as ações inventivas e críticas de vivenciar e experimentar corporalmente a espacialidade da escola. Quais lógicas subversivas poderiam ser potencializadas dentro desses espaços? Ainda nessa perspectiva, quais avaliações vocês pontuam em seus projetos na intrínseca relação entre corpo/performance/ espaço escolar?

Marília Navegante: Fiquei pensando nessas duas palavras, lógicas e subversivas, juntas. O que seriam essas lógicas subversivas dentro da escola? Me pergunto o que a escola quer em relação ao corpo. Bom, a escola quer um corpo obediente, disciplinado e educado. Mas, o trabalho com a performance na sala de aula, essas lógicas, ao meu entendimento, são quebradas. Eu não tenho mais um corpo disciplinado. Eu tenho um corpo ativo, eu tenho um corpo não comportado do jeito que a escola pede, um corpo não padronizado.

Ter um corpo educado dentro da escola não é sinônimo de um corpo ativo, por exemplo. No meu entender, essas seriam as lógicas que a escola pede, mas, de modo subversivo, a gente trata o significado dessas palavras – corpo educado, corpo ativo – e transpassa por meio da performance o entendimento desses termos.

Avalio essa relação corpo/performance/espço escolar a partir de quatro palavras que apareceram no decorrer do processo do projeto: construir, revisar, ampliar e possibilitar. Acredito que essa relação constrói no sujeito uma revisão desse contato mais aprofundado com a aprendizagem da arte na escola e provoca uma espécie de ampliação dos conteúdos, um ampliar daquilo que muitas vezes se resume em teorias e que raramente é experienciado de forma plástica, sonora etc. dentro da sala de aula. É um processo que possibilita a construção das trocas de vivências e experiências para além daquelas tradicionais que já conhecemos.

Então, creio que a minha avaliação da junção disso tudo, essas quatro palavras – construir, revisar, ampliar e possibilitar – são percebidas por mim em todo o processo. Acho que o barato do contemporâneo é sacar isso: não é achar que vamos construir de repente algo novo, podemos pegar o que já temos, desconstruir, ressignificar ou desestabilizar.

Jacson Matos: É preciso decupar o corpo. O corpo do professor é carregado de formalidades, responsabilidades, há um compromisso com a proteção dos "corpos" dos alunos; é um corpo cansado da exaustão de trabalhar em diversos turnos e em escolas diferentes – corpo de professor discursiva com a escola enquanto espaço formal.

Corpo de aluno é mais relaxado, informal, isso na escola pública. O corpo do aluno em relação à escola é campo de liberdade – se faz na escola aquilo que é proibido em casa –, é um corpo ampliado quando integrado à turma. Corpo estendido em expressão, ganha força e coragem, como acontece com as torcidas organizadas e agremiações.

Do mesmo modo, é um corpo que traz uma certa vergonha na hora da participação, pois tem medo de virar meme. Há ainda a relação corpo/tempo/espço que deve ser negociada, conversada e rediscutida. A duração das aulas, o uso dos espaços, as reservas, os barulhos, as interferências. O que é a interferência enquanto arte?

Uma avaliação positiva, a apropriação dos espaços, a altivez dos corpos e do olhar, o “desacanhamento” e a desinibição dos corpos; a busca por direitos, o enfrentamento de conflitos, a identidade, a aceitação, o respeito à diversidade, o gênero, e até para se alimentar na escola, pois alguns alunos sentiam vergonha de se alimentar na escola. Quando os corpos se apropriam da escola é possível indagar: quem disse que a quadra é só de esportes? Ou que a sala de vídeo é só de artes, o laboratório só de ciências?

E ainda que corpo é esse do professor em relação aos corpos dos alunos? Esse corpo do professor “formado” no ensino superior ao se defrontar com esse aluno que é um corpo “informal” que tem na escola um espaço de liberdade para fazer aquilo que muitas vezes não pode fazer em casa.

CORPO E IDENTIDADE

A pluralidade de métodos e metodologias em arte produz condições para a produção da diferença. Como a performance tem contribuído para a problematização das identidades corporais (gênero, raça, sexualidade, estética, subjetividades etc.) dentro da escola? Essas proposições performáticas têm extrapolado os limites físicos e simbólicos dos muros da escola? De quais modos?

Marília Navegante: Eu trabalho com um tripé de proposições pensado a partir das teorias de Richard Schechner: ser, fazer e mostrar fazendo. Schechner ainda engloba o explicar. Mas, por meio desses três primeiros, faz com que a performance tenha a capacidade de provocar nos corpos desses estudantes: primeiro, através do ser, reconhecer quem é esse ser performaticamente, ou seja, o reconhecimento de si em primeiro lugar, e do outro.

Eu me reconheço como um ser negro, um homem ou uma mulher trans e, quando me reconheço, passo, de uma certa forma, a reconhecer a identidade do outro, nisso entramos na discussão sobre identidades diversas dentro da escola.

Depois, ao passar por essa fase do ser, passamos para o fazer. É quando vamos para a prática artística para construir algo que, muitas vezes, claro, extrapola as questões autorais, pois, é o “sou eu”, é o “meu ser” que está querendo problematizar e mostrar isso que eu absorvi, que não estou desprendido desse processo. Então, a performance realmente provoca no sujeito o trabalho com essas três possibilidades – ser, fazer e mostrar fazendo. Esse tripé pode ser ampliado para discutir muitas coisas, incluindo essas questões de gênero e diversidade, as questões étnicas etc., não esquecendo, claro, as questões próprias da arte que já são, também, na sua complexidade, bem grandes.

E, essas proposições performáticas com base nesse tripé extrapolam os limites da escola? Penso que sim, e me baseio nas falas de alguns estudantes que, fora da escola, passam por esse processo de se conhecer e reconhecer o outro. Por exemplo, quando eles me falam de algum incômodo do cotidiano ou alguma coisa que os indignam fora da escola, e eles articulam possíveis ações e soluções a partir do seu corpo, seja dentro de casa, seja na igreja.

Vejo que transpassou os limites da escola. Atingiu as famílias. Há pais que me procuraram para dizer “o que você fez com a minha filha? Ela chega e age dessa forma agora...”. Tive a percepção do quanto essa linguagem provoca realmente os estudantes, e vi o que eles fazem, inclusive, fora, quando não estão sob orientação da professora. Então, sim. Extrapola os muros da escola de modos diversos, pois depende muito daquilo que os inquieta e os toca fora dela. É bacana perceber que o trabalho se ampliou e se multiplicou para fora desses muros; afinal, é o que um professor busca: que aquilo não fique trancado na sala de aula, mas ultrapasse esses muros.

Jacson Matos: A *performance art* não chega ao aluno como linguagem artística pronta, há o agenciamento de outras linguagens, daí a importância do hibridismo. Dança, teatro, esporte, jogos teatrais/interativos, cinema, vídeos. A performance é uma linguagem essencialmente processual, demanda mais tempo. Há um estranhamento, diferente, por exemplo, da Música, que é uma linguagem familiarizada. Conhecer o próprio corpo é tornar-

se cidadão de si, autoconhecimento gera identidade. Há também um misto de emoção e razão, a *performance art* tem uma questão conceitual, o que exige conhecimento prévio, estudo, elaboração. Tive a experiência de perceber essa transformação em alguns alunos. Identidade de gênero, sexualidade, racial e social. A retomada dos direitos, o respeito ao direito à fala. Exemplo: tem o caso de um aluno, performer, em que pude acompanhar o processo transgênero na escola, desde a sua transformação biológica com a questão dos hormônios, até a mudança do nome social, os diários de classe, sua aceitação e o reconhecimento dos demais alunos e comunidade escolar à nova imagem de Letícia⁶.

DIREITOS E RESISTÊNCIAS

Os trechos tachados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996, LDB, Art. 26) para com o ensino da Arte na Educação Básica, e mais atualmente, a minimização da sua oferta no documento normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) revelam instabilidades na garantia do ensino da arte na escola. É possível afirmar que as nossas convers(A)ções entre arte, educação e corpo possibilitam a manutenção dos nossos direitos e resistências? Por quê?

Marília Navegante: Eu trabalho com duas ideias: o corpo ensina e aprende, e todos somos performers. Isso me leva a pensar que um corpo ativo, consciente e presente é um corpo que incomoda em qualquer estado. Ao trabalhar com essa compreensão de um corpo ativo, consciente e presente, a minha resposta será, sim. Eu entendo que, como professora, tenho consciência do meu ser-estar naquele espaço da escola, no campo da educação e da arte. Penso que se isso, de qualquer forma, gera certos desconfortos ou não, se eu tiver consciência disso eu consigo perceber que a gente consegue agir politicamente. Isso, claro, gera certas resistências. Porém, entendo que a partir dessas resistências é possível ver até onde podemos ir, até onde eu posso passar dos limites, para que certos direitos sejam garantidos ou conquistados. Então, passo sempre dessa posição de um corpo ativo, consciente e presente como um corpo que incomoda. E, se incomoda, está

⁶ Opta-se neste texto por referenciar a estudante com o nome fictício de "Letícia" no intuito de garantir o seu anonimato e as especificidades da sua personalidade oriundas do percurso em nossos diálogos.

acontecendo alguma coisa. Que coisa é essa? Vamos descobrir e vamos entender o porquê dessa resistência e vamos buscar a queda ou solucionar os problemas que surgem dessa resistência. Tudo são atos políticos, Penso dessa forma.

Jacson Matos: Sim, e de forma cada vez mais fundamental. Antes da pandemia, já era notória a emancipação dos corpos, da autonomia, ao acesso à cultura, aos bens de consumo culturais.

Será necessário a ressignificação dos corpos, a retomada dos espaços, como voltar a conviver, como lidar com corpos temerosos? Angústias e receios que marcaram o corpo na quarentena. O pertencimento é diferente do estar contido; pertencer exige vínculo, e só se tem vínculo quando se brinca, quando você cria afetividades e laços.

Educar hoje não parte de conhecimento fechado, de uma verdade preestabelecida. Existem dialéticas, e o contemporâneo possibilita uma pluralidade de verdades, a diversidade de respostas possíveis. Como, por exemplo, no cubismo: vários ângulos para o mesmo assunto. Isso é desconfortável, isso gera a necessidade de checagem, isso não acontecia no ensino tradicional.

Acredito que cada vez mais será fundamental em uma aula falarmos e defendermos a performance como linguagem.

Recebido em: 30/11/2020

Aceito em: 05/12/2020